

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LUGARES	CÓDIGO DA FICHA					
	DF/GO	01	01	10	F50	11
	UF	SÍTIO	L OC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Brasília Mística
CALIDADE	Distrito Federal e Entorno
NÍCIO /UF	Valparaíso de Goiás-GO

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Candomblé Ketu/ Axé Opó Afonjá/ Axé Opó Afonjá Ilê Oxum
TRAS DENOMINAÇÕES	Não há
NDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.



INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LUGARES	CÓDIGO DA FICHA					
	DF/GO	01	01	10	F50	11
	UF	SÍTI	L OC	ANO	FICHA	NO.

4. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

4.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

O terreiro de Mãe Raílda de Oxum se afirma como a primeira casa do Axé Opó Afonjá fundada em Brasília. Axé Opó Afonjá Ilê Oxum significa “a força de Xangô na casa de Oxum”. Na Bahia, esse Axé foi fundado em 1910, porém descendendo da Pedra do Sal, no Rio de Janeiro. Quando Mãe Aninha fundou o Axé Opó Afonjá, na Bahia, este Axé já havia sido estabelecido, também por ela, no Rio de Janeiro. Atualmente, está sentada na cadeira do Axé Opó Afonjá, em Salvador, Mãe Stella de Oxossi e, no Rio de Janeiro, Mãe Regina Lúcia de Yemanjá. Os terreiros citados nestas localidades são os mais representativos do Axé.

O Axé Opó Afonjá, tradicionalmente, vincula-se ao Axé Casa Branca, isso porque Mãe Aninha, a fundadora do Opó Afonjá, foi iniciada na Casa Branca. Atualmente, o único terreiro diretamente ligado ao Axé Opó Afonjá Ilê Oxum é a casa de Pai Raimundo de Oxum, que é filho de Mãe Raílda de Oxum e de Pai Agenor de Oxalá, além das casas que descendem de Pai Raimundo.

- *Características físicas associadas aos lugares de culto da tradição.*

As edificações necessárias num terreiro do Axé Opó Afonjá, segundo a sacerdotisa entrevistada, são a Casa dos Eguns, Casa de Ogum, de Oxossi, de Onilé, de Xangô, de Oxalá (este orixá deve ser bastante reservado, pois ele não pode se misturar com os chamados “orixás de dendê”). Enfim, todos os orixás cultuados na nação Ketu devem estar assentados e preferencialmente, cada um em sua casa. Os orixás da família Ekerejebe, sob nenhuma circunstância, podem conviver com os demais orixás, por isso existe uma casa que pertence à “família da palha”: Nanã, Omolu, Ossaim, Oxumarê, Ewá. No Axé Opó Afonjá o centro do barracão é livre e não existem assentamentos no alto, pois o Axé preza pela Terra. Seu patrono, Xangô, é um orixá da terra.

Para a sacerdotisa entrevistada, a tradição do Candomblé, atualmente, encontra-se bastante deturpada, pois as entidades da Umbanda, como preto-velhos, caboclos e Pombas-giras se fazem muito presentes nas casas de Candomblé. A Iyalorixá prosseguiu explicando que nas casas do Axé Opó Afonjá “não tem incorporação de Exu. Exu é o guardião da casa, ele é o nosso protetor. Mãe Raílda vai assinalar: “Você quer fazer uma oferenda para ele, você tem que ir comigo, eu tenho que lhe apresentar a ele, pra você não ter nenhum problema sério. Ele não aceita que você vá lá sem a minha ordem... Na casa do Ibó não entra, nem eu não posso entrar muito lá. Por quê? Por eu cuidar muito de Xangô, eu digo que ele é o ar que eu respiro. Eu tenho uma proteção tão grande de Xangô,

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LUGARES	CÓDIGO DA FICHA					
	DF/GO	01	01	10	F50	11
	UF	SÍTI	L OC	ANO	FICHA	NO.

que se eu me meter muito com Egun...” E continua: “Eu fui no mestre Didi um ano, e eu quase morri, Xangô se afastou de mim, eu tive que mandar rezar a missa para todos os defuntos que já passaram aqui na minha casa, não podia assistir à missa, limpar as minhas mãos nas paredes da Igreja, para quando chegasse aqui poder cortar quiabo pra fazer um obi kiri, com tudo que ele determinou que tinha que botar dentro desse amalá. E tinha que dançar quinze minutos um ajuda - lá dentro para ele, “para ele voltar a me proteger”. Segundo a entrevistada, a energia de Xangô não se harmoniza com a energia de Eguns. De acordo com as tradições do Axé, o seu patrono Xangô, era irmão de Egun, e este traiu Xangô, por isso “quem é de Xangô não deve ir muito a cemitério, a enterro.”

- *Símbolos, ornamento, vestes ou objetos característicos da tradição*

Segundo a entrevistada, algumas práticas são imprescindíveis numa Casa do Axé Opó Afonjá, como exemplos: cantar e saudar o “essá” de Mãe Aninha, fundadora do Axé, assim como reverenciar cada orixá com sua saudação específica. A Iyalorixá comparou a hierarquia do Candomblé com a hierarquia do exército, onde um filho-de-santo deve passar por cada etapa até chegar ao posto mais elevado, a fim de adquirir experiências para a condução da vida espiritual.

- *O que determina o acesso ao a interdição aos espaços da casa?*

Segundo Iyá Raílda, os principais locais de interdição são o Quarto de Eguns e a Casa de Exu. Porém, a sacerdotisa ressaltou que os locais onde se realizam os rituais sagrados não devem ser abertos a pessoas que não foram iniciadas: “Se a pessoa não for realmente iniciada, ela não pode nem assistir um borí. Se ele não passar por um borí, nem que seja um obí e água que a mãe-de-santo ou o pai-de-santo dê na cabeça dessa pessoa, ele não pode participar do ritual.”

Para adentrar os quartos de Santo, não existe a necessidade de ter sido iniciado, porém a pessoa não pode estar suja e as mulheres, menstruadas. Contudo, se existirem obrigações arriadas no quarto o acesso é interditado.

4.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LUGARES	CÓDIGO DA FICHA					
	DF/GO	01	01	10	F50	11
	UF	SÍTI	L OC	ANO	FICHA	NO.

Quanto aos marcos naturais, a Iyalorixá ressaltou a importância de Ossaim, o orixá da folha: sem ele não existiria Candomblé ou filhos feitos. Segundo Mãe Raílda, existem as folhas de Orô, usadas no ritual, sobretudo de iniciação, e as folhas comuns. Independente dessa classificação, todas têm sua devida importância e são valorizadas pelo culto de Candomblé, assim como as demais manifestações da natureza. A diversidade de folhas empregadas nos ritos é imensa. Por isso, tanto a Iyalorixá e o Babalorixá, quanto o Babá Ewê (Pai das Folhas), responsável por coletar as folhas a serem aplicadas no ritual, devem possuir conhecimento proporcional a esta diversidade.

4.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA USOS DIFERENCIADOS

O espaço é utilizado somente para rituais característicos do culto.

5. FORMAÇÃO DO LUGAR

5.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

- Sobre a entrevistada, representante do Axé Opó Afonjá e sobre a história do Axé:*

A entrevistada, Raílda Rocha Pitta, mais conhecida por Mãe Raílda de Oxum, nasceu em Salvador, na Bahia e foi criada no Rio de Janeiro. Mãe Raílda foi iniciada em 12 de maio de 1959, no Axé Opó Afonjá do Rio de Janeiro, por Mãe Agripina, que por sua vez foi iniciada por Mãe Aninha, quando esta, em 1910, comprou sua roça de santo, em Salvador. Em 1963, Mãe Raílda veio para Brasília exercer sua função de auxiliar de enfermagem, como funcionária pública no Hospital de Base, indo morar num alojamento na quadra 304 Sul. Foi quando conheceu Pai Raimundo de Oxum, que posteriormente viria a ser filho-de-santo do primeiro “barco” tirado pela sacerdotisa. Depois do Hospital de Base, Mãe Raílda foi transferida para o Posto Assistencial Central, na avenida W3, e depois para o Posto de Orientação, na quadra 514, no Plano Piloto.

Em seguida, Mãe Raílda decidiu obter sua transferência de volta para Salvador. Neste momento, a Iyalorixá já havia constituído sua casa-de-santo, em Valparaíso, e também iniciado alguns filhos-de-santo como Raimundo, Eli, Eurípedes e Mariazinha. Segundo a líder espiritual, quando percebeu o peso de cuidar de uma casa-de-santo sozinha achou que não daria conta. O professor Agenor, então, fez um jogo de búzios e disse que Xangô dava um prazo de nove meses para Mãe Raílda voltar à Brasília.

Ao chegar a Salvador, ficou hospedada na casa de uma tia, irmã-de-santo de sua mãe. Segundo a Iyalorixá, nove meses, sua vida foi um “mar de rosas” em Salvador. Vencidos esses nove meses, começou a adoecer, a ter problemas com outras pessoas, desentendeu-se com sua chefe, que a colocou à disposição.

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LUGARES	CÓDIGO DA FICHA					
	DF/GO	01	01	10	F50	11
	UF	SÍLIO	L OC	ANO	FICHA	NO.

Quando Mãe Railda voltou para Salvador, levou consigo seu Exu assentado, e o seu Exu “botou fogo” na casa de sua tia. Mãe Railda seguiu até o Gantois, chorando, com o intuito de para que sua Mãe Menininha lhe abrisse um jogo. Quando Mãe Menininha abriu o jogo de búzios, assim falou: “Railda, seu tempo na Bahia acabou, minha filha, Xangô está dizendo aqui que lhe deu um prazo e esse prazo acabou... e você tem que voltar para Brasília, pois foi escolhida por ele para socorrer o povo de Brasília. Quem vai socorrer o povo de Brasília é você, minha filha, que trouxe uma missão. E Mãe Menininha continuou dizendo: “Eu conheci seu pai, conheci seu avô... mas você não pode morar na Bahia. Uma pessoa com a sua estrela... baiano quando não caminha e vê uma pessoa com a sua estrela, ele bota uma pedra no seu caminho, para você tropeçar e bater sua cabeça lá na frente. Não teime com Xangô e nem desobedeça a Xangô, porque sua Mãe Aninha morreu por teimosia com Xangô. Sua mãe-de-santo morreu por teimosia com Xangô. Mãe Senhora morreu por teimosia com Xangô... e você é muito criança... e você não conhece a ira de Xangô, vá se embora... A família de Oxum é muito grande, tem Oxum lavadeira, tem Oxum cozinheira, tem Oxum faxineira, tem Oxum graxeira, mas Oxum rainha, minha filha... Você carrega uma estrela na testa, minha filha, você vai brilhar... não te dou dez anos pra você ficar famosa em Brasília tanto quanto Mãe Menininha na Bahia. Você arrumou um namorado, quer casar... mas Xangô está dizendo, aqui no jogo, que você não pode se casar. Se você quiser casar, ele diz que sai do seu caminho e deixa seu caminho livre para você se casar, mas se você quiser voltar para Brasília, cuidar do povo de Brasília e cuidar dele, que espere tudo de bom que ele tem pra lidar. A última coisa que Xangô vai lhe dar é um casamento.”

Segundo suas próprias palavras, Mãe Railda chegou a “tentar dar um golpe em Xangô”. Então, mandou sua afilhada até a Feira de São Joaquim comprar um mocó (bolsa de palha), um cento de quiabo, um quilo de cebola, um litro de camarão, um litro de dendê e levar lá no Gantois. No dia seguinte, numa quarta-feira, Mãe Menininha mandou chamar Mãe Railda. Chegando lá, Mãe Menininha havia preparado o Amalá de Xangô e disse a Railda que se ajoelhasse enquanto falava em ioruba com Xangô. Ao terminar, disse a Railda que oferecesse o Amalá para Xangô e depois voltasse para Brasília, onde era seu lugar. Depois de dar comida a Xangô, Mãe Menininha disse a Iyá Railda: “Xangô mandou lhe dizer que você pode dar a feira toda de quiabo a ele, que ele come e fica feliz, mas que você não fica na Bahia, arrume seus panos de bunda e vá embora para Brasília.”

Mãe Railda, em agosto de 1972, voltou para Brasília. No ano seguinte, recebeu Ogum em sua roça. Segundo a sacerdotisa, certa vez, preparou uma farofa para Exu e foi jogar no portão. Na volta, depara-se com “um homem negro, alto, mal-vestido e mal-encarado”, que a chamou e perguntou por três vezes se podia entrar. Então, o homem entrou e se jogou aos seus pés dizendo: “Salve moça bonita, salve minha Rainha, salve sua coroa. A senhora é da Bahia?” Mãe Railda respondeu que sim, e o homem prosseguiu cantando em ioruba uma canção de Ogum, disse que era filho de Maria Nenê e pediu um copo de água.

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LUGARES	CÓDIGO DA FICHA					
	DF/GO	01	01	10	F50	11
	UF	SÍLIO	L OC	ANO	FICHA	NO.

Durante o percurso da entrada do terreiro à cozinha, o homem continuou cantando “Ogum Oyá, Ogum Oyá...”. No meio do caminho, o homem parou e disse: “A senhora sabia que vai ser muito famosa aqui?... E a senhora tem que fazer uma casa muito grande, por que vai abrigar muitas pessoas neste lugar. Ela respondeu que não possuía dinheiro para construir uma casa tão grande. Ao que ele retrucou, afirmando que a ajudaria. Ao dizer que não o conhecia, o homem assinalou: “A senhora não é da Bahia? Eu também sou. Eu moro na linha do trem, a senhora vai lá à linha do trem e me chame, que eu sou pedreiro, sou ferreiro, sou marceneiro, eu sou carpinteiro, sou eletricitista, eu faço tudo para senhora, eu faço sua casa.” E a sacerdotisa respondeu: “Mas, meu amigo, na linha do trem não tem casa.” E ele dizia: “Mas eu moro lá, e só me chamar”. Depois de algum tempo de conversa, o homem se despediu e saiu em direção à linha de trem.

Quando o professor Agenor, Oluwó do Axé Opó Afonjá, veio até Brasília, Mãe Railda pediu a ele que abrisse um jogo para saber da sua situação, pois morava sozinha em uma chácara e, por essa razão, todos diziam que ela era louca de ficar ali. Com isso, insistiam para que vendesse sua chácara e fosse tocar candomblé em um local mais próximo. Mãe Railda dizia que não poderia vender, pois a chácara pertencia a Oxum, e não a ela. Quando Pai Agenor abriu o jogo para Mãe Railda, disse que ela havia conversado com Ogum, e que ela havia servido água a ele. Pai Agenor prosseguiu: “Ogum está mandando dizer aqui no jogo, que é para você ir até a linha do trem, cavar um buraco e botar uma quartinha com água para ele, quando ele sentir sede, ele ir lá à linha do trem beber a água. E quando você precisar dele, vá lá e pede a ele tudo que você quer que ele vai lhe dar.” Depois disso, Mãe Railda recebeu uma verba da embaixada da Nigéria, destinada um terreiro de tradição em Brasília, para a melhoria da casa. O terreiro de Mãe Railda foi selecionado por um africano chamado Abiolá, de Ogum. Após esses fatos, o Ilê Oxum não parou mais de crescer, recebendo inúmeras contribuições, sobretudo de Ogum, Oxum, Xangô e seus respectivos filhos.

No ano de 1966, a sacerdotisa Railda faz uma viagem ao Rio de Janeiro e encontra Mãe Agripina, representante do Axé Opó Afonjá no Rio de Janeiro, praticamente cega, devido a uma catarata. Mãe Agripina estava chorando, pois, segundo ela, seus cadernos com anotações sobre fundamentos e axés estavam sendo roubados e, por isso, queria mudar do Rio de Janeiro para Brasília. Então, Agripina pediu que, no outro dia, cedo, Railda fosse buscar o professor Agenor e levá-lo ao terreiro para jogar para Mãe Agripina, a fim de pedir autorização aos orixás para ela vir a Brasília fazer a operação de catarata. No jogo, Pai Agenor disse que Xangô permitia que Mãe Agripina fosse até Brasília, mas assim que fizesse a cirurgia deveria voltar para cuidar de seu Candomblé. Mãe Agripina, então, abriu o quarto de Xangô e retirou o seu assentamento e o trouxe para Brasília. Mãe Railda fez questão de ressaltar que o primeiro assentamento de Xangô, do Axé Opó Afonjá em Brasília, foi trazido por suas mãos.

Ao chegar a Brasília, Mãe Agripina começou a cuidar da saúde e de sua alimentação, sendo Raimundo de Oxum responsável pelos seus cuidados. Nesta época, a Iyalorixá não possuía roça-de-santo, estando

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LUGARES	CÓDIGO DA FICHA					
	DF/GO	01	01	10	F50	11
	UF	SÍLIO	L OC	ANO	FICHA	NO.

estabelecida ainda num apartamento no centro de Brasília. Mãe Agripina fez a cirurgia e se recuperou muito bem. Até que, na noite de 20 de dezembro, Mãe Agripina recebeu a notícia de que o professor Agenor estava dizendo a ela que voltasse para tomar conta do Axé no Rio de Janeiro, e que um barco de Iyawô já esperava por ela. Segundo Mãe Railda, Mãe Agripina se viu muito abandonada pelos filhos do Rio de Janeiro e, por isso, dirigiu-se ao assentamento de Xangô e assinalou: “Olhe Xangô, o senhor vai me matar, por que eu conheço sua ira, mas eu não cruzo mais minhas pernas no Rio de Janeiro. Coelho da Rocha nunca mais, porque eu estava abandonada e minhas filhas me trouxeram, agora eu já operei a catarata, estou enxergando, tô bem... Cantulina que continue tomando conta daquele Candomblé.”

Segundo a narração de Mãe Railda, por volta da meia noite, Mãe Agripina acordou sentido falta de ar, chamou suas filhas Railda e Juraci e disse que achava que aquela noite iria morrer, pois conhecia a ira de Xangô. Foi então que as filhas resolveram ligar para Pai Agenor no Rio de Janeiro, para que ele consultasse o oráculo, para saber o que Xangô dizia sobre Mãe Agripina. Enquanto isso, Mãe Agripina se levantou e agradeceu a suas filhas: “Que Xangô pague a vocês duas os nove meses de felicidade que me deram.” Mãe Railda conta que, neste momento, Mãe Agripina “virou” de Xangô, que colocou as mãos para trás, gritou, se sacudiu e deu um abraço forte em Railda e em sua irmã de Santo Juraci. Então, Mãe Agripina caiu morta em cima de Iyá Railda. A Iyalorixá conta que, no momento de trasladar o corpo da sacerdotisa até o Rio de Janeiro, “o tempo virou em Brasília, foi raio, foi relâmpago, um dilúvio nessa Brasília.” Quando chegaram ao Rio de Janeiro com o corpo da sacerdotisa e o assentamento de Xangô, a tempestade continuava lá. Mãe Railda narrou inúmeros fatos que dificultaram a chegada do corpo de Iyá Agripina em seu barracão no Rio de Janeiro. Deste fato, Mãe Railda entende que, mesmo depois de morta, Mãe Agripina não queria voltar ao Rio de Janeiro.

Mãe Regina Bamboxê foi quem realizou o axexê, que, para buscar o corpo de Agripina, “virou no santo” todos os filhos de Iansã. Quando o corpo chegou, colocaram-na na sala, fizeram um ritual na cabeça dela para, simbolicamente, retirar o oxu (axé que se planta no ori do iniciado), e o rito prosseguiu por sete dias, até o arremate. Segundo Iyá Railda, quem deveria fazer o ritual de arremate seria Mãe Senhora, a irmã de Santo mais velha de Agripina. Porém, existia uma divergência entre as duas que se deu da seguinte forma: Mãe Aninha (mãe de santo de ambas) possuía um assentamento de Oxalá, que levava com ela para todos os lugares que fosse. Após morar por algum tempo no Rio de Janeiro, em 1936, Mãe Aninha resolveu voltar para Salvador. No entanto, o Oxalá não “quis” voltar com ela. Mãe Aninha, então, chamou todas as suas filhas-de-santo. Uma vez reunidas as suas filhas, contou a elas que havia ficado muito triste, pois o Oxalá não quis lhe acompanhar, e sim ficar com Agripina e permanecer no Axé do Rio de Janeiro.

Mãe Senhora não ficou nem um pouco satisfeita com o fato ocorrido, e disse que no dia em que Agripina morresse, ela iria ao Rio de Janeiro buscar o assentamento de Oxalá, pois o lugar dele era na Bahia.

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LUGARES	CÓDIGO DA FICHA					
	DF/GO	01	01	10	F50	11
	UF	SÍTI	L OC	ANO	FICHA	NO.

Então, no ritual de um mês de falecimento de Mãe Agripina, Mãe Senhora pediu para avisar a Mãe Cantulina (que liderava o Opó Afonjá no Rio de Janeiro) que iria buscar o assentamento de Oxalá e que poderia dar fim ao Axé Opó Afonjá do Rio. Por isso, o axexê de um mês de Mãe Agripina foi feito na Bahia. Pois, segundo Senhora, é lá que ela havia sido feita.

Mãe Railda narra que, no ritual de um mês de falecimento de Mãe Agripina, celebrado por Mãe Senhora, Xangô disse a Iyá Senhora que se ela tentasse buscar o Oxalá no Rio de Janeiro, que mais uma Iyalorixá do Opó Afonjá iria morrer. E dessa forma se deu. Quando do término do axexê de Mãe Agripina, Mãe Senhora faleceu.

A sacerdotisa revelou também como era difícil a vida do povo-de-santo na primeira metade do século. Durante o governo de Getúlio Vargas, a polícia perseguia muito o Candomblé, e por isso sua avó Aninha e os sacerdotes, em geral, conduziam suas celebrações em suas casas particulares. Dessa forma, o Candomblé era tocado com cabaças e palmas, pois não podia tocar atabaque, se não a polícia interrompia o culto e proibia festividades do tipo no local. Foi então que, Mãe Aninha foi até o presidente Getúlio Vargas, intercedendo a ele, que o Candomblé não fosse mais perseguido. Getúlio Vargas, então, promulgou um Decreto-Lei (1202), em que proibia qualquer interferência sobre o exercício do culto de Candomblé no Brasil.

Mãe Railda se percebe como uma mulher guerreira e de muita fé, que busca passar a todos esta fé que possui: "...a fé no ar que eu respiro, nesta terra que nos dá o pão de cada dia, no vento, na água, no trovão, no raio."

5.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

- Quanto às linhagens de entidades espirituais que se integram aos cultos desenvolvidos pela casa Somente Orixás.
- *Quanto ao sincretismo religioso*

Segundo a sacerdotisa, Xangô, patrono do Axé Opó Afonjá, não permite a inclusão de Pomba Giras, Pretos Velhos, Caboclos, pois para Xangô, todos esses são espíritos já morreram e não devem ser cultuados, pois não foram assentados como ancestrais – não poderiam ser, pois não foram iniciados, assim não fazem parte da ancestralidade do Candomblé. Nas palavras dela: "Nosso axé é vida, não é morte" Os filhos de Santo podem até incorporar estes entes, desde que fora da roça de Santo. Segundo ela, essas entidades são do Brasil, e o Axé Opó Afonjá é puramente africano, pois Mãe Aninha era filha de africanos da Nação de Grunci, e ela herdou o culto a esses orixás, tanto que no Axé Opó Afonjá de Salvador existe uma casa dedicada ao

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LUGARES	CÓDIGO DA FICHA					
	DF/GO	01	01	10	F50	11
	UF	SÍTI	L OC	ANO	FICHA	NO.

culto dos orixás de Grunci, onde homens não podem entrar, ao não ser os Axoguns para fazer a matança, não pode ter a presença de luz elétrica, conta também com uma fonte dentro da casa dedicada a Iemanjá.

Apesar de não cultuar entidades dos cultos brasileiros, Iyá Railda entende os Caboclos como “donos do Brasil”. Entretanto, o culto trazido da África que se configura no Brasil como Candomblé, cultua apenas orixás.

- *Quanto à intolerância religiosa*

A sacerdotisa demonstrou estar desesperançosa em relação ao fim da intolerância religiosa. E narrou um fato onde sofreu este tipo de preconceito: “Eu mesma fui vítima de um evangélico aqui no Valparaíso... ele me abordou dizendo que eu ia para o inferno, que eu tirasse a minha roupa, por que eu só ando assim. Ninguém paga as minhas contas, eu tenho muito prazer em andar assim, eu sou sacerdotisa assumida, não tenho vergonha de andar assim, fui ao Presidente da República e fui muito bem recebida por ele.” O fato aconteceu num supermercado, e o evangélico que uso termos pejorativos e insistiu em pregar sua doutrina era funcionário deste supermercado, que depois de ouvir algumas “boas” palavras da Iyalorixá foi demitido da função.

- *Sobre Exu*

A tradição entende Exu como um intermediário entre o orixá e a pessoa: “se você o cultua para o bem ele só te faz o bem... tudo é uma energia, a bem da verdade a gente é manipulado por essa força, essa energia, que a gente não pega a gente não vê, mas a gente sabe que é manipulado por essa força”. A Iyalorixá exemplificou a força dessa energia com um exemplo próprio. Segundo ela, muitas pessoas já chegaram a sua casa com a intenção de prejudicá-la de diversas maneiras, e, depois, estas pessoas foram tiradas dos seus caminhos, mortas. E, por isso, por vezes, chegou a levar rótulos. Porém, ela justifica esses fatos por não estar sozinha em seu terreiro, mas sim acompanhada por seus orixás, que a guardam.

- *Sobre o Sacrifício*

O sacrifício é tido como uma troca de energias necessária. O orixá se alimenta do animal e fortalece o humano.

- *Sobre o uso de bebidas alcoólicas nos rituais*

Segundo a tradição o único orixá que faz uso de bebidas alcoólicas é Exu. A bebida típica oferecida aos orixás também o Aluá.

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LUGARES	CÓDIGO DA FICHA					
	DF/GO	01	01	10	F50	11
	UF	SÍTI	L OC	ANO	FICHA	NO.

- *Sobre o Oráculo*

O jogo de búzios é orientado pelos Odús, sendo um ritual que precisa ser estudado para se efetivar. Trata-se de uma prática técnica e ao mesmo tempo intuitiva. Para se iniciar no jogo é preciso passar por um borí, por uma purificação dos ouvidos, vistas e boca.

Segundo a sacerdotisa, nos tempos antigos, mulheres não jogavam búzios, apenas Babálawós. Mas devido a uma necessidade o oráculo foi designado também às mulheres. A sacerdotisa revelou que aprendeu a jogar búzios com Professor Agenor, num processo que durou dez anos de estudo dos Odús.

- *Sobre o transe/incorporação*

A sacerdotisa disse que este é um tema que ela é leiga, pois seu transe é completamente inconsciente, e por isso não sabe descrever nenhuma sensação ou característica deste fenômeno. Afirmou apenas que se trata de uma energia incontrolável.

- *Sobre a vida após a morte e oculto aos ancestrais*

Nas palavras de Mãe Railda: "... quando a gente é iniciada, a gente raspa a cabeça, tem todo aquele ritual do Oxú... Quando a gente morre também tem que fazer o ritual de tirar o Oxú, porque a gente não pode voltar para a terra com aquela obrigação que a gente recebeu... porque na iniciação a gente nasce para o orixá, então para ser reconhecido dentro do fundamento da iniciação, tem que raspar a cabeça e botar o Oxú. Quando a gente morre, tem que raspar a cabeça de novo, e tem o ritual de tirar, que é diferente de quando bota... O axexê de um mês, que é cantar para a pessoa dançar, só come peixe durante o axexê, o prato de comida para aquela pessoa que comeu fica em baixo da mesa, todos participam do banquete... (o axexê) é como uma festa, uma festa quando você entra e uma festa quando a gente sai. Então tem todo o ritual, que se faz o prato que aquela pessoa que já morreu e põe embaixo da mesa, e são sete dias, quando é uma pessoa Iyalorixá, como minha Mãe de Santo era, uma pessoa já abá, abá quer dizer velha tem este ritual de sete dias... Quem é filho de orixá não pode ser cremado, ele tem que voltar para terra com tudo que ele nasceu. Nós filhos de orixá não podemos doar órgão, não podemos fazer tatuagens, e nem podemos ser cremados."

Segundo Mãe Railda, quando um membro do Axé Opó Afonjá é cremado, ele não pode ser assentado, como se assenta os ancestrais, para serem evocados. No caso Ilê Oxum, estão assentados no Ibó: Mãe Aninha (Avó de Santo de Mãe Railda), Mãe Agripina (Mãe de Santo de Mãe Railda) e Mãe Cantulina (Mãe de Santo que tirou a mão de Mãe Agripina quando esta morreu). A Iyalorixá considera que seja muito complexa

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LUGARES	CÓDIGO DA FICHA					
	DF/GO	01	01	10	F50	11
	UF	SÍTI	L OC	ANO	FICHA	NO.

a interpretação acerca da vida após a morte, porém ela acredita que o espírito fica na terra, se comunica através do Obí, do Orobô e dos Búzios, e por vezes se materializa nos rituais característicos da Ilha de Itaparica e do Axipá do Mestre Didi, filho carnal de Mãe Senhora e único filho de Santo de Mãe Aninha ainda vivo.

A Iyalorixá entrevistada revelou que em sua casa houve a materialização de um ancestral, um Aparacá, durante o ritual de axexê de sua Mãe Cantulina. E em outro momento, quando o ritual estava sendo feito na Casa de Ibó, comandado pelo Babálawó Vanderlei de Xangô - pois este é um local interditado as mulheres – uma voz que veio de dentro da casa, pediu a Iyá Railda que cantasse para ele, o que foi feito por ela.

Os ancestrais assentados no Axé são sempre homenageados. Na casa de Iyá Railda, seus antepassados recebem homenagens na data de seu aniversário e de seu falecimento, além do dia dos finados. Neste ritual são preparados pratos que o ancestral gostava quando vivo, num grande tabuleiro. Junto ao tabuleiro, são colocadas flores brancas e velas, sendo estes levados ao quarto do Ibó. Junto a estes elementos também está o obí, que é cortado para chamar o Egun para receber sua oferenda. Em comemoração são cantadas cantigas do Axé e do próprio ancestral.

Os eguns têm a sua importância na tradição do Axé Opó Afonjá, porém existe a necessidade de pessoas preparadas para lidarem com eles e estas pessoas devem ser preferencialmente de Ogum, de Omolu, de Oxóssi. Até mesmo de Xangô, desde que não seja diretamente ligado ao culto Lesse Orixá.

- *Quanto às particularidades dos cultos afro-brasileiros em Brasília*

A Iyalorixá entende Brasília como um local místico, onde existe a presença de diversos cultos e diversas forças espirituais. Por existir uma grande “mistura” de cultos, a tradição acaba perdendo seu vigor, afastando assim, as casas de suas matrizes.

- Questões Adicionais

- *Culto a Logun-Edé, Obá e Ewá*

Quando questionada a respeito dos filhos de Logun-Edé, Mãe Railda foi direta, afirmando que Mãe Aninha não raspou filhos deste orixá, assim como Mãe Agripina, Mãe Senhora, Tia Mãezinha, e ela própria não raspam. Além de Logun-Edé, o Axé também não inicia Obá e Ewá. Segundo ela, estes orixás não fazem parte da linhagem do Axé, pois quando filhos de Obá se apresentavam na Casa de Mãe Aninha ela os

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LUGARES	CÓDIGO DA FICHA					
	DF/GO	01	01	10	F50	11
	UF	sítio	L oc	ANO	FICHA	NO.

conduzia até o Gantois; quanto aos filhos de Ewá, conduzia-os ao Axé Oxumarê. A Iyalorixá prosseguiu dizendo que não raspa tais orixás porque nunca viu nenhum de seus mais velhos fazerem e, no Candomblé, não há aprendizado sem experiência prática, pois uma pessoa só pode passar adiante aquilo que recebeu; se não recebeu determinado ensinamento, então ele não te pertence.

- *Babá Ewê*

A função do Babá Ewê é retirar as folhas que serão usadas nos diversos ritos, e este ato por si só já é um ato ritualístico, pois exige uma série de preparações e fundamentos. Segundo a tradição do Axé Opó Afonjá, os três dias que antecedem esta colheita devem ser de privação sexual, a seleção de folhas deve ser feita no início da manhã, a pessoa deve estar com o corpo limpo e também: “as pessoas que vão tirar folha tem que levar fumo de rolo, tem que levar moeda, tem que levar feijão fradinho, tem uma vasilha que se chama caboré, dentro desse caboré tem que botar o que Ossaim gosta... a pessoa tem que saudar Ossaim pra entrar no mato, tem que jogar dinheiro, tem todo um ritual.”

- *A iniciação*

A Mãe de Santo entrevistada entende que a iniciação é o momento em que o ser humano nasce para o orixá, e para isso os sacrifícios são indispensáveis. Por isso, neste momento os lawô deve se purificar, não comendo comidas que não agradam o orixá de sua cabeça, nem comidas salgadas, temperadas, mas sim comidas que são oferecidas nos rituais aquele orixá, e comidas que são características da grande parte das iniciações como o acaçá e o seu mingau. Também são importantes privações como dormir nas esteiras e tomar banho em água fria.

5.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
1895	Mãe Aninha de Xangô funda o Axé Opó Afonjá no Rio de Janeiro.
1910	Mãe Aninha de Xangô funda o Axé Opó Afonjá em Salvador, com a iniciação de Mãe Agripina de Xangô, que posteriormente assumiu o Axé Opó Afonjá do Rio de Janeiro.

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LUGARES	CÓDIGO DA FICHA					
	DF/GO	01	01	10	F50	11
	UF	SÍTI	L OC	ANO	FICHA	NO.

1912	Mãe Aninha inicia Pai Agenor de Oxalá, que viria a ser um dos maiores sacerdotes da história de Candomblé, com o posto Oluwó, colaborando com Mãe Agripina no Rio de Janeiro, e atendendo outros Axés, como Casa Branca e Gontois.
1937	Mãe Aninha de Xangô influencia Getulio Vargas na promulgação do Decreto-Lei 1.202
1938	Falecimento de Mãe Aninha de Xangô.
1939	Mãe Bada de Oxalá assume temporariamente a cadeira do Axé Opó Afonjá em Salvador.
1942	Mãe Senhora de Oxum assume a cadeira do Axé Opó Afonjá em Salvador.
1966	Falecimento de Mãe Agripina de Xangô, responsável pelo Axé Opó Afonjá do Rio de Janeiro.
1968	Mãe Cantulina, filha de Mãe Aninha, assume o Axé no Rio de Janeiro.
1969	Mãe Ondina de Oxalá assume o Axé Opó Afonjá de Salvador.
1972	Fundação do Axé Opó Afonjá Ilê Oxum, por Mãe Railda de Oxum, primeira casa do Axé em Brasília.
1976	Mãe Stella de Oxóssi assume o Axé Opó Afonjá em Salvador.
1989	Mãe Regina Lúcia de Iemanjá assume o Axé Opó Afonjá do Rio de Janeiro.
1989	Fundação Sociedade Religiosa Ilê Oxum Axé Opó Afonjá Oní Xangô, liderada por Pai Raimundo de Oxum, filho do primeiro barco de Mãe Railda, que possui muitos descendentes em Brasília.

6. Usos ATUAIS

6.1. Usos COTIDIANOS

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LUGARES	CÓDIGO DA FICHA					
	DF/GO	01	01	10	F50	11
	UF	SÍTI	L OC	ANO	FICHA	NO.

A sacerdotisa descreveu o seu dia como Mãe de Santo da seguinte forma: ao acordar, agradece a Deus por sua existência, despacha a porta, jogando água de acaçá na porta e no portão, pede a Exu a proteção da casa, toma banho para ir ao quarto de Santo tomar benção a Xangô e a Oxum. Em seguida saúda os ancestrais e todos os orixás, para enfim iniciar seus afazeres diários.

Quanto aos ritos que acontecem no cotidiano de uma casa do Axé, se destaca o Ossé, ritual de limpeza dos assentamentos e arriamento de oferendas aos Santos. Na segunda-feira acontece o Ossé do Ibó, onde são trocados os panos, acendidas as velas e trocadas às águas dos acaçás. Também se troca a farofa e a água de Exu nesta data. O Ossé é feito na primeira semana do mês para todos os orixás cultuados no Axé.

6.2. USOS CERIMONIAIS

O terreiro é o espaço sagrado onde são realizados diversos rituais, como iniciações, obrigações, obís, ebós, arriamento de oferendas aos orixás e aos Ancestrais, entre diversos outros ritos que são característicos da religião. Além disso, acontecem as celebrações públicas de saídas de Santo, festividades de obrigações e festas aos orixás, que envolvem toda a comunidade de Santo e pessoas da comunidade local.

A sacerdotisa não entende o Candomblé como uma grande festa. Segundo ela, o barracão não é o lugar de maior destaque do terreiro, o importante é ritual do Axé, pois a festa é a parte folclórica do ritual.

Segundo a tradição, os atabaques são responsáveis por trazer a energia do orixá durante o ritual. Por esse motivo, os atabaques comem, tomam borí, nele se realizam sacrifícios e são cobertos com um pano branco rendado. Todo ritual realizado na cabeça de um humano também o é no atabaque. Tudo que um orixá come o atabaque come. Por isso, não se pode comprar um atabaque numa loja qualquer e colocá-lo para ser tocado num Candomblé sem antes passar por um rito; nem seus ogãs o tocam imediatamente quando chega das ruas, sem antes ser purificado.

Quanto às cantigas, as de xirê são entoadas durante o próprio xirê, a primeira parte da ritual, saldando e convidando os orixás para a celebração. Já as cantigas de rum são entoadas na segunda parte do ritual, quando os orixás já se manifestaram, que então ao som dos atabaques e cantigas, dançam.

7. BENS ASSOCIADOS

Pai Raimundo de Oxum	Sociedade Religiosa Ilê Oxum Axé Opô Afonjá Oní Xangô
----------------------	---

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LUGARES	CÓDIGO DA FICHA					
	DF/GO	01	01	10	F50	11
	UF	SÍTI	L OC	ANO	FICHA	NO.

8. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Não disponibilizados.

9. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

9.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

Não disponibilizados.

9.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Registros produzidos, ver anexo de Registros audiovisuais.

9.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Registros produzidos, ver anexo de *Registros Fotográficos*.

10. OBSERVAÇÕES

10.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO

Sim, recomendamos vivamente tanto a viabilização de estudos interessados em adensar a leitura sobre o bem cultural inventariado em tela quanto a iniciativa de instruir o processo de tombamento do Axé Opô Afonjá Ilê Oxum.

10.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Nada a mencionar.

10.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Nada a acrescentar.

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LUGARES	CÓDIGO DA FICHA					
	DF/GO	01	01	10	F50	11
	UF	SÍTI	L OC	ANO	FICHA	NO.

11. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Q50, cuja circulação se deu internamente ao corpo de pesquisadores.				
PESQUISADOR(ES)	Eurípedes, Maurício, Romário e Nathalia.				
SUPERVISOR	Emily Pierini				
REDATOR	Nathalia Araújo	DATA: 30/03/10			
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Marcelo Reis				